

## Panel 6: Inherited Trauma

1. Jesse Hutchison, U of Waterloo [[j6hutchi@uwaterloo.ca](mailto:j6hutchi@uwaterloo.ca)]

“Hidden in my blood”: Di Brandt and the Intergenerational Transmission of Trauma

In her work of collected essays, *So this is the world & here I am in it*, author and poet Di Brandt’s autobiographical writing works to forge a connection with the earliest Mennonite societies, as well as their Anabaptist predecessors of the sixteenth century in order to address “the collective heritage of our Mennonite people’s long history of persecution and, yes, cruelty” (94). Brandt is equally concerned with the cultural-historical group of Mennonite women who, in particular, suffered doubly as victims not only of authoritarian state power but also of an increasingly patriarchal internal structure within the Mennonite religion. Intriguingly, there are sections of Brandt’s book where she writes of this historical trauma as if she had been there to experience these moments herself. In some ways, this aligns with Alison Landsberg’s notion of “prosthetic memory” wherein a person “takes on a more personal, deeply felt memory of a past event through which he or she did not live” (2).

Brandt, though, posits an alternative to Landsberg’s notion of memories as transmitted through modern technologies and instead stresses a bodily-felt connection to the past, suggesting that these historical moments are rooted in her very biological structure and certainly play a crucial role in her own sense of self. As is the case in her poetry, Brandt uses the body as a site of frequently unspoken historical trauma in order to address the legacy of violence against Mennonites, in particular, Mennonite women, as a whole. Ultimately, I argue that Brandt constructs an autobiographical identity for herself that allows her to consider her own selfhood as bound to a historical group. As a result, she addresses the ongoing legacy of historical violence and repression the Mennonites faced and suggests the direct intergenerational transmission of these traumatic events.

“Escondido no meu sangue”: Di Brandt e a transmissão intergeracional do trauma

Em seu trabalho de coleção de composições, *So This is the World & Here I Am in It*, a escrita autobiográfica da autora e poeta Di Brandt trabalha para forjar uma conexão com as sociedades Menonitas mais antigas, como também os seus predecessores Anabatistas do século 16 a fim de abordar “a herança coletiva da história de perseguição do nosso povo Menonita e, sim, crueldade” (94). Brandt se preocupa igualmente com o grupo cultural-histórico das mulheres Menonitas que, em particular, sofreram duplamente como vítimas não apenas do poder autoritário do estado, mas também de uma crescente estrutura interna patriarcal dentro da religião Menonita. Curiosamente, há trechos no livro da Brandt em que ela escreve sobre esse trauma histórico como se ela mesma tivesse presenciado esses momentos. Em alguns aspectos, isso alinha com a noção de Alison Landsberg de “memória prostética” na qual uma pessoa “assume uma memória mais pessoal de um evento passado ao qual ele ou ela não viveu”. (2).

Brandt, no entanto, postula uma alternativa para a noção de memórias transmitidas através de tecnologias modernas de Landsberg. Em vez disso, ela enfatiza uma conexão corpórea ao passado, sugerindo que esses momentos históricos estão enraizados em sua estrutura biológica

e assume um papel crucial no seu próprio sentido de si mesma. Como é o caso em sua poesia, Brandt usa o corpo como um local de trauma histórico tácito para chamar atenção ao legado de violência contra os Menonitas, em particular, as Menonitas, como um todo. Por fim, argumento que Brandt constrói uma identidade autobiográfica para ela mesma, o qual permite que ela considere a própria identidade ligada a um grupo histórico. Como resultado, ela endereça o legado de violência histórica e repressão que os Menonitas sofreram e sugere a transmissão intergeracional direta desses eventos traumáticos.

[Traduzido por Igo Henrique de Oliveira Bilro - [igo.bilro@gmail.com](mailto:igo.bilro@gmail.com)]

Brandt, Di. *So this is the world & here I am in it*. Edmonton: NeWest Press, 2007.

Landsberg, Alison. *Prosthetic Memory: The Transformation of Remembrance in the Age of Mass Culture*. New York: Columbia UP, 2004.

Jesse Hutchison is a recent PhD graduate from University of Waterloo's English Language and Literature department. His dissertation, "Private People in Public Places: Contemporary Canadian Mennonite Life Writing," considers the various ways that Canadian Mennonite authors use autobiographical writing in order to highlight the significance of history, family, and community. His recent research work looks at contemporary Canadian musicians' memoirs.

2. Jacob Evoy, U of Western Ontario [[jevoy2@uwo.ca](mailto:jevoy2@uwo.ca)]

Crossing Borders with LGBTQ Descendants of Holocaust Survivors Life Writing: History, Trauma, and the Queer Autobiographical

This paper investigates the intersecting roles of sexuality, gender, race, and nationalism within the life writings of LGBTQ children of Holocaust survivors. While much work has examined intergenerational trauma within the writing of descendants of the Holocaust, only a few have acknowledged and interrogated the importance of sexuality within the lives and writings of these individuals. My paper utilizes queer theory to read and situate these authors' works in new contexts. Drawing upon queer theoretical concepts of trauma (Ann Cvetkovich), history and temporality (Heather Love and Scott Bravmann), and reparative reading practices (Eve Sedgwick), I unpack some of the common and alternative themes of the pieces written by LGBTQ children of Holocaust survivors. Texts in this study include (but are not limited to): Lisa Kron's *Two and a Half Minute Ride* (2001), Lev Raphael's *Dancing on Tisha B'av* (1988), *Journey and Arrivals* (1996), and *My Germany* (2009), as well as Sarah Schulman's *Rat Bohemia* (1995), *People in Trouble* (1990), and *The Gentrification of the Mind: Witness to a Lost Generation* (2012).

My paper situates these works within larger narratives of (queer) history, trauma, and activism as these works traverse from the individual to the collective. Of particular note, this paper examines how trauma is present within the everyday lives of queer folk while simultaneously interacting with other traumatic events and their legacies. My paper investigates the everyday aspects of trauma as they are situated alongside and within homo- and hetero-normative life scripts. From Kron's retelling of her sibling's wedding to Raphael's sexual

encounters with uncircumcised Jewish men, to Schulman's witnessing of lost cultures and counter publics, these texts bring together legacies of sexuality, gender, race, and nationality that are tied to larger traumatic events such as the Holocaust, homophobia, and the AIDS epidemic.

Jacob Evoy is a Ph.D. student at the University of Western Ontario completing a collaborative degree in Women's Studies and Feminist Research and Transitional Justice and Post-Conflict Reconstruction. His Ph.D. research examines the roles of sexuality after genocide with a specific focus on LGBTQ children of Holocaust survivors. His research interests include: queer theory, queer history, trauma, Holocaust studies, LGBTQ activism, and popular culture.

Cruzamento de fronteiras na escrita da vida de descendentes LGBTQ dos sobreviventes do Holocausto: história, trauma e autobiografia queer

Este artigo investiga os papéis de sexualidade, gênero, etnia e nacionalismo que se entrelaçam na escrita da vida dos filhos LGBTQ de sobreviventes do Holocausto. Embora muitos pesquisadores tenham se dedicado a examinar o trauma intergeracional dos descendentes do Holocausto, poucos reconheceram e investigaram a importância da sexualidade nas vidas e obras desses indivíduos. Meu artigo se baseia na teoria queer para interpretar e situar os trabalhos desses autores em novos contextos. A partir dos conceitos teóricos queer de trauma (Ann Cvetkovich), história e temporalidade (Heather Love e Scott Bravmann) e de práticas de leitura reparativa (Eve Sedgwick), esmiúço alguns dos temas comuns e alternativos presentes nos escritos de filhos LGBTQ de sobreviventes do Holocausto. Entre os textos estudados estão: 'Two and a Half Minute Ride' [Viagem de dois minutos e meio, em tradução livre] (2001), de Lisa Kron; 'Dancing on Tisha B'av' [Dançando no Tishá b'Av] (1988), 'Journey and Arrivals' [Viagem e chegadas] (1996) e 'My Germany' [Minha Alemanha] (2009), de Lev Raphael; e também 'Rat Bohemia' (publicado no Brasil como 'Boemia de ratos'; 1995), 'People in Trouble' [Pessoas em apuros] (1990) e 'The Gentrification of the Mind: Witness to a Lost Generation' [A gentrificação da mente: testemunha de uma geração perdida] (2012), de Sarah Schulman.

Meu artigo situa essas obras nas narrativas mais amplas da história, do trauma e do ativismo (queer) à medida que atravessam da esfera individual para a coletiva. Em particular, este artigo examina como o trauma está presente no dia a dia das pessoas queer e, ao mesmo tempo, interage com outros acontecimentos traumáticos e suas consequências. Meu artigo investiga os aspectos rotineiros do trauma e os situa junto e dentro de histórias de vida internalizadas homo e heteronormativas. Do relato de Kron sobre o casamento do irmão às histórias de Raphael sobre encontros sexuais com judeus não circuncidados e ao testemunho de Schulman sobre culturas perdidas e contrapúblicos, esses textos reúnem heranças de sexualidade, gênero, etnia e nacionalidade que estão ligadas a acontecimentos traumáticos maiores, tais como o Holocausto, a homofobia e a epidemia de aids.

[Traduzido por Beatriz Vital - [vitalb@riseup.net](mailto:vitalb@riseup.net)]

3. Doris Wolf, U of Winnipeg [[d.wolf@uwinnipeg.ca](mailto:d.wolf@uwinnipeg.ca)]

The Suffering of German Girls in WWII: Rape and Rage in North American Women's *Kriegskinder* Memoirs

Since the turn of the millennium, public discussion and portrayals of German suffering in World War Two have become increasingly common in spite of remaining controversial. Along with heavy civilian casualties, often women and children, caused by Allied firebombings of German cities, a specifically gendered form of German suffering was the mass rape of German women at the end of the war, especially in the eastern territories by Soviet soldiers. This history of rape, although silenced for decades, has gained attention through translated texts such as *A Woman in Berlin* (Eine Frau in Berlin). This paper examines the topic as it is portrayed in several less well known memoirs written and published in North America by German women immigrants who were children of World War II (see below). These accounts include rapes they witnessed, namely of their mothers, and in some cases their own in spite of their young age. Although rapes are mentioned, very few details are included so that silence around the rapes and their aftermath pervades. Yet, a sense of a profound rage emerges in the texts through a variety of displacements, including hysterical symptoms, anti-Soviet sentiments, the blurring of lines between rape and fraternization, emasculated fathers, and even mother blame. Bringing together autobiographical and childhood studies, I explore how this rage complicates the portrayal of the female child narrator who stands at the centre of these texts and who on the surface evokes what Kate Douglas (2010) identifies as a trope common in autobiographies of childhood trauma, that of lost innocence. In the context of Germany, Michael Heinlein (2011) convincingly establishes that the “discovery” of Kriegskinder as firsthand witnesses to German wartime trauma more than sixty years after the war’s end is highly politicized, helping legitimize through the figure of the innocent child a narrative of German suffering as collective trauma intent on healing the nation of a past that refuses to go away. The books I explore by German women immigrants resist a simple narrative of collective trauma for a narrative of exploitation of female children that can only culminate in migration to what is portrayed as a safer more promising space, that is, North America.

Clemens, Marianne. *A Childhood Lost in War - Growing up Under Nazi Rule*. Clipper Press, 2008.

De Werth Neu, Sabina. *A Long Silence: Memories of a German Refugee Child, 1941-1958*. Prometheus Books, 2011.

Everett, Gudrun Koppe. *I Can't Forget: A Journey Through Nazi Germany and WWII*. BookSurge, 2006.

Roeder, Giselle. *We Don't Talk About That: An Amazing Story of Survival*. Friesen Press, 2014.

O Sofrimento das Garotas Alemãs na Segunda Guerra Mundial: Estupro e Raiva nas Memórias de Mulheres Kriegskinder Norte Americanas

Desde a virada do milênio, discussões e representações públicas da Alemanha sofrendo na Segunda Guerra Mundial têm se tornado crescentemente comuns, apesar de permanecerem controversas. Junto das densas baixas civis, sendo a maioria de mulheres e crianças, causadas pelos Aliados bombardeando cidades alemãs, uma forma de sofrimento específico de gênero foi o massivo estupro de mulheres alemãs ao fim da Guerra, especialmente nos territórios ao Leste, por soldados soviéticos. Esse histórico de estupros, apesar de silenciado por décadas, tem

ganhado atenção através de textos traduzidos como *A Mulher em Berlin* (*Eine Frau in Berlin*). Este artigo examina o tópico como é retratado em inúmeras memórias menos conhecidas escritas e publicadas na América do Norte por mulheres alemãs imigrantes que foram filhas da Segunda Guerra Mundial (ver abaixo). Estes relatos incluem estupros que essas mulheres testemunharam, majoritariamente sofridos por suas mães, e em alguns casos os seus próprios, apesar da pouca idade que tinham. Embora estupros sejam mencionados, mínimos detalhes são incluídos de modo que o silêncio em torno dos estupros e suas consequências permeiam. No entanto, um sentimento de raiva profunda emerge nos textos, apesar de uma variedade de deslocamentos, incluindo sintomas histéricos, sentimentos antissoviéticos, a nebulosa distinção entre estupro e fraternização, pais emasculados, e até mesmo culpa de mães. Unindo estudos autobiográficos e de infância, exploro como esta raiva complica o retrato do narrador feminino infantil que fica no centro desses textos e que na superfície evoca o que Kate Douglas (2010) identifica como um tropo comum em autobiografias de trauma infantil, a perda da inocência. No contexto alemão, Michael Heinlein (2011) estabeleceu convincentemente que a “descoberta” de *Kriegskinder* como uma testemunha de primeira-mão para o trauma germânico nos tempos de guerra mais de 60 anos após o fim da guerra é altamente politizado, ajudando a legitimar através da figura de crianças inocentes uma narrativa da Alemanha sofrendo um trauma coletivo com a intenção de curar a nação de um passado que se recusa a ir embora. Os livros que exploro escritos por mulheres alemãs imigrantes resistem a uma narrativa simples de trauma coletivo optando por uma narrativa de exploração de crianças do sexo feminino que só pode culminar na migração para o espaço que é retratado como mais seguro e mais promissor, ou seja, a América do Norte.

[Traduzido por Juliana Geizy Marques de Souza - [julianamrqs0@gmail.com](mailto:julianamrqs0@gmail.com)]

Doris Wolf is an Associate Professor in the Department of English at the University of Winnipeg, where she is also the Director of the Centre for Research in Young People’s Texts and Cultures. She researches and publishes in the areas of memoirs about German childhoods in World War Two and Canadian Aboriginal picture books and graphic narratives about residential schools. Her current monograph project is called *Controversial German Childhoods in World War Two: Cultural and Political Representations of Perpetration and Victimization in North American Kriegskinder Memoirs*.